

O CIRANDAR DA VIDA

Eguimar Felício Chaveiro

[Doutor em Geografia Humana - Livre-docente da UFG/Universidade Federal de Goiás]

Com boas risadas, eu e um amigo, numa frequência amiúde, na mesa do bar ou posterior a uma reunião de estudo, em missões científicas ou em trabalhos de campo, repetimos a máxima: ninguém entende ninguém. O nosso riso, levado a cabo, é inadequado porque o assunto é sério, muito sério: ninguém entende ninguém. Gabriel García Márquez, o Gabo, depois de décadas envolvido com histórias mirabolantes das “Macondos” do mundo latino, disse que toda literatura mundial possui apenas dois temas, o poder e a solidão. Tudo certo, mas eu e o meu amigo, com o perdão do prêmio Nobel de Aracataca–Colômbia, temos, com toda responsabilidade literária possível, discordância. Para nós a literatura mundial só possui um tema enunciado nessa máxima: ninguém entende ninguém. Ninguém entende ninguém – e não vai entender!

Se alguém considerar que entendeu outra pessoa, está se iludindo. O problema não é por falta de interesse, ausência de tempo, ou mesmo por fragilidade de preceitos éticos, filosóficos e cognitivos. Ao contrário, o interesse de as pessoas entenderem os demais, é grande, urgente, inadiável. Entretanto, a matéria é nebulosa. Diante disso, Clarice Lispector do “Paixão segundo G.H” foi taxativa: não é possível saber o que acontece no interior de outra pessoa. Doutor Freud, bem antes de dona Clarice, ergueu um monumento de saber baseado nisso: nenhum sujeito humano, homem ou mulher, de que gênero for, é capaz de saber quem se É. O sujeito, ensinou doutor Freud, escapa de si porque não se resume à sua consciência, embora a consciência, traduzida em palavras, é o que se tem para entender a si próprio e ao outro.

Mas não adianta: ninguém entende ninguém. Os vários campos científicos fotografam a terra a partir de satélites; voam à lua e à Marte com astronaves com ou sem tripulantes; fundem genes, informações e muros; reinventam a melancia, o frango, o porco; vão ao interior da matéria e descobrem filigranas quânticas que se transformam em energia e vice-versa. Reconhecem o acaso, a incerteza, as leis da probabilidade, o que surpreende e escapa da lógica; fazem cachoeiras dentro de mansões; geram o pênis artificial; revolvem a virgindade; implantam cabelos; descobrem buracos negros e nebulosas; medem a velocidade da luz e capturam as ondas sonoras em antenas; edificam a comunicação instantânea, a inteligência artificial; colonizam memórias, saberes, idiomas. Medem céus, grânulas do solo, labaredas químicas, sais minerais.

Apesar disso, Drummond parece estar correto: agora só falta o ser humano descobrir a si próprio, pois ninguém entende ninguém. Aliás, corre nas veias científicas, desde o geógrafo naturalista Humboldt, que tudo estabelece trocas o tempo todo, em várias direções, em intensas redes. Recentemente descobriu-se que o infinitamente grande e o que é incomensuravelmente pequeno namoram, fazem núpcias. Por isso, estrelas pingam nos olhos humanos – e deles saem sentimentos poéticos quase inomináveis. A luz é amiga do vento; o vento penteia o cabelo das árvores e lambe o relevo.

No relevo, a água se organiza ajudando a encher o solo de umidade. Do solo nascem o maracujá, o feijão, o arroz, a batata. E o suor do camponês desce no rosto para ensinar que o estômago é uma insígnia de dignidade. Este é o cirandar da vida. Pois bem! Os iluministas do século XVIII e os utópicos do século XIX, assustados com a maquinaria industrial e encantados com o poder luminoso do saber, gritaram que a razão é emancipatória. Pensavam, os iluministas, que a medida da razão era a do fim da ignorância, do misticismo e do obscurantismo. Imaginaram que os deuses e os demônios cairiam por terra como vampiros diante da luz tropical. Isso não aconteceu. Os deuses estão aí acoitados por demônios.

Os demônios estão aí povoando o imaginário humano. O pior é que, conforme diz o filósofo alemão Habermas, o progresso da ciência não resolveu a miséria humana. Quando o escritor José Saramago levanta o brado de que está na hora de acordar a razão, talvez queira contribuir para o entendimento humano dele próprio e do mundo. Talvez esteja acreditando na lucidez, essa magnífica matéria da convivência, do amor e da política. ■ ■ ■

OBS. Os textos expressam a opinião de seus autores, não necessariamente coincidente com a dos coordenadores do Blog e dos participantes do Fórum Intersindical. A cada reunião ordinária, os textos da Coluna Opinião do mês são debatidos, suscitando divergências e provocando reflexões, na perspectiva de uma arena democrática, criativa e coletiva de encontros de ideias em prol da saúde dos trabalhadores.